

# DUAS VISÕES DA LIBERDADE: A ORIENTALIZAÇÃO E A ORIENTALIDADE

*Fábio Sadao Nakagawa*<sup>1</sup>

*Michiko Okano*<sup>2</sup>

*Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa*<sup>3</sup>

**Resumo:** O artigo trata da coexistência de dois processos de constituição do espaço comercial no Bairro Oriental da Liberdade. O primeiro, relacionado com a formação histórica dos imigrantes orientais na Liberdade e o segundo, associado à lógica hegemônica do mercado global. Denominamos tais processos, respectivamente, orientalização e orientalidade. Analisam-se as formas de visualidade dos estabelecimentos comerciais nestas duas áreas, da Rua Thomaz Gonzaga, a rua dos restaurantes japoneses e de algumas propostas do projeto de revitalização do bairro da Liberdade, o *Caminho do Imperador*, de 2008.

**Palavras-chave:** orientalização; orientalidade; Bairro da Liberdade; história da imigração; análise visual.

**Abstract:** The article deals with the two processes of commercial space constitution that coexist in the Oriental District called Liberdade. The first one is related with the oriental immigrants historical formation in Liberdade; the second one is associated with the global market hegemonical logic. We call those processes orientalization and orientality, respectively. Commercial establishments forms of visuality in these two areas are analyzed, as well as the Thomaz Gonzaga Street, where Japanese restaurants gather in numbers, and also some projects of revitalization project of Liberdade District such as the Emperor Way, which started in 2008.

**Keywords:** orientalization; orientality; Liberdade district; immigration history; visual analysis.

- 
1. Mestre e Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e Professor Adjunto da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA).
  2. Mestre e Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e Professora Adjunta de História da Arte da Ásia na Universidade Federal do Estado de São Paulo (UNIFESP).
  3. Mestre e Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e Professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP).

Localizado na região central da cidade de São Paulo, o bairro da Liberdade é nacionalmente conhecido como bairro oriental pelo fato de sua formação histórico-social estar atrelada à intensa ocupação de imigrantes de origem asiática. Vieram, inicialmente, os japoneses e, posteriormente, os chineses. Esse conglomerado de pessoas de “olhos puxados”, vindas de diferentes povos da Ásia, fortaleceu ainda mais a identidade oriental dominante na Liberdade.

Tendo como base esse traço marcante, esta pesquisa buscou observar não os modos de aproximação e de distanciamento entre as diferentes culturas, mas a coexistência de dois processos de constituição do espaço comercial: o primeiro relacionado com a formação histórica do Oriente na Liberdade e o segundo associado à lógica hegemônica do mercado global que tem promovido, cada vez mais, o distanciamento da tradição cultural do bairro.

O campo de observação privilegiou a principal rua do bairro oriental, a Galvão Bueno, no trecho compreendido entre a Praça da Liberdade e a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, cujo prédio, chamado Edifício Bunkyo, está localizado na esquina das ruas Galvão Bueno e São Joaquim. Caminhar nesse segmento é um meio de perceber as relações conflituosas entre a área de atuações das trocas comerciais e a do convívio social dos imigrantes orientais e de seus descendentes, além de se destacar um campo de articulação de novos mercadores que usam a história do bairro como uma espécie de “grife” para atrair clientes e turistas. Trata-se de visões e de procedimentos distintos do uso do espaço, que denominamos, respectivamente, orientalidade e orientalização.

A orientalidade decorre do longo e demorado processo de ocupação do bairro pelos japoneses e, tempos depois, pelos chineses, cuja condição de imigrantes lhes obrigou a construir uma inusitada identidade oriental em terras estrangeiras, tendo como alicerce o dúbio sentimento estabelecido entre a saudade do país de origem e a esperança de uma vida melhor na nova terra. Tal sentimento, aliado à precariedade das condições de vida dos primeiros imigrantes, produziu no espaço formas e usos muito particulares, que dizem respeito às soluções encontradas por eles diante das dificuldades emocionais e sociais com que se depararam no devir da vida. São resoluções que partiram dos hábitos culturais apreendidos na terra natal, que foram adaptados e, portanto, modificados no diálogo com as circunstâncias impostas pela nova pátria, em uma espécie de contínuo processo de tradução das tradições.

Em relação à esfera comercial, tais soluções podem ser flagradas, por exemplo, no trato estabelecido entre comerciante e consumidor e nas formas de representação visual das lojas, organizadas predominantemente pelo aspecto funcional e pela faculdade da improvisação, de maneira que aquilo que tinha caráter provisório se tornou, com o tempo, permanente.

Ao contrário do processo de formação da orientariedade, a orientalização emergiu, fundamentalmente, pela lógica da esfera mercantil, a partir do momento

em que houve o crescimento da procura dos produtos e o aumento do interesse do grande público por determinados hábitos culturais orientais. Isso ocorreu em razão do reconhecimento e da valorização mundial dos modos de viver dos povos asiáticos, promovidos, inicialmente, pelas culinárias japonesa e chinesa e, depois, pela maior demanda por produtos eletrônicos e industriais e por formas de entretenimento tais como: *games*, animês e mangás.

Em decorrência dessa “moda mercadológica”, o bairro da Liberdade passou a ser visto como o local ideal para abrigar a *Little Tokyo* ou a *Chinatown* brasileiras, mesmo que, para isso, fosse simulado um Oriente que nada tinha a ver com aquele construído pelos imigrantes e por seus descendentes. Sem o compromisso com a tradição cultural do lugar, mas usufruindo de sua legitimidade, cada vez mais edifica-se a orientalização no bairro da Liberdade pelo processo de reprodução e de replicação de modelos e formas comunicativas de um oriente *fake* para serem identificados como símbolos dos países asiáticos.

Como já foi mencionado, orientalidade e orientalização são visões e procedimentos distintos do uso do espaço no bairro da Liberdade para a construção de um bairro oriental. No trecho observado na Rua Galvão Bueno<sup>4</sup>, a área de articulação dominante da orientalidade persiste no segmento após o Viaduto até a sede da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e a esfera dominante de atuação da orientalização localiza-se entre a Praça da Liberdade e o Viaduto Osaka. De um ponto ao outro, é possível perceber esse intenso e conflituoso diálogo que parece se intensificar na famosa rua dos restaurantes, denominada Rua Thomaz Gonzaga.

## 1. Comércio da Orientalidade e Comércio da Orientalização

A formação do comércio existente no bairro oriental pode ser compreendida em três fases distintas. Na primeira, no período pré-guerra, há uma espécie de comércio local voltado aos hábitos alimentares dos imigrantes. Esse tipo de comércio estabeleceu-se nas ruas Conde de Sarzedas e Tabatinguera. Na segunda fase, no período pós-guerra, além de contemplar o consumo de alimentos, o comércio expandiu-se para a esfera do lazer e do entretenimento. O marco principal desse período foi a construção do Cine Niterói, na Rua Galvão Bueno, em 1953, cujo edifício de cinco andares abrigava também hotel e restaurante. A Rua Galvão Bueno, inclusive, passou a ser o foco principal das atividades mercantis nipônicas. Na terceira fase, com a construção da Radial Leste-Oeste, em 1968, houve a fragmentação da Rua Galvão Bueno em duas partes e a demolição do prédio que abarcava o cinema. Posteriormente, com o surgimento da estação Liberdade do metrô, em 1975, a diferença entre as partes cindidas foi reforçada em virtude

---

4. É importante ressaltar que não estamos demarcando limites territoriais, mas tentando circunscrever áreas de predominância, de modo que a orientalidade e a orientalização coexistem num mesmo bairro.

do alto fluxo de pedestres na área próxima à Praça da Liberdade, onde emergiu um comércio voltado não apenas à comunidade oriental, mas também destinado a diferentes públicos.

A expansão desse comércio foi significativamente favorecida pelo denominado Plano de Orientalização da Liberdade, que foi idealizado pelo jornalista Randolpho Marques Lobato e implementado pela Prefeitura de São Paulo em parceria com a Associação dos Lojistas da Liberdade, em 1974. Tal projeto visou construir a *Little Tokyo* ou a *Chinatown* paulistas pela instalação de três equipamentos urbanos: as lanternas *chôchin*, denominadas *suzurantô* (lanternas jasmim), o pavimento formado pela heráldica japonesa *mitsudomoe* e o portal *torii*.

A *chôchin* teve como *design* a flor *suzuran* (jasmim), uma das preferidas dos japoneses, oriunda da fria província ao norte do Japão, Hokkaido. Ela evidencia a predileção pelo conjunto de flores miúdas que representam o coletivismo da sociedade nipônica, por meio da relação harmônica entre as partes. A lanterna tradicional japonesa, utilizada tanto no ambiente interno quanto no externo, é composta por uma estrutura de vime e coberta por papel artesanal que filtra a luz e transmite uma delicada claridade.

O ambiente criado por uma fraca luminosidade é o cenário da “estética do oculto e do sugestivo” registrado pelo escritor japonês Jun’ichiro Tanizaki (1977). Esse equipamento de iluminação era também utilizado nos tempos antigos como instrumento de mídia que os transeuntes carregavam quando caminhavam à noite, com a inscrição da heráldica do seu clã. Tal uso é facilitado pelo seu *design*, que emprega as dobraduras e permite achatá-lo e reduzi-lo de tamanho, tornando-o portátil. Atualmente, no território nipônico, elas são vistas em casas comerciais, teatros tradicionais kabuki ou bunraku e festividades.

No bairro da Liberdade, as *chôchins* estão penduradas em longos postes vermelhos (figura 1). Trata-se de hastes metálicas curvas na extremidade superior, que formam uma figura semelhante à letra “L” invertida, que estão dispostas em sequência ao longo da calçada. Do diálogo estabelecido entre as luminárias colocadas em lados opostos da rua, resulta uma sucessão de portais que se assemelha à dos numerosos *torii* presentes em vários santuários japoneses. Todavia, à noite, esses postes deixam de ser percebidos em proveito dos jogos de luzes das *chôchins*, que compõem uma rica sequência de pontos luminosos em perspectiva. É nos ambientes dos restaurantes, entretanto, que a *chôchin* cumpre sua função de forma plena, transmitindo a atenuada luz da estética do “oculto e do sugestivo”<sup>5</sup>

---

5. O poder sugestivo das *chôchins* foi prejudicado em várias ruas do Bairro da Liberdade por causa das trocas das lâmpadas de tom amarelado pelas de luz branca, feitas em 2008, em decorrência do projeto de revitalização do bairro, proposto pelo Instituto Paulo Kobayashi em parceria com a Prefeitura de São Paulo.



Figura 1 – Sequência de chôchins na Rua Galvão Bueno, 2012. Foto de Michiko Okano.

Outro elemento presente no bairro da Liberdade é a heráldica *mitsudomoe* (Figura 2) inscrita nos ladrilhos que formam as calçadas. Tal *design* traz boa sorte quando é associado ao *magatama*, uma espécie de talismã ou, então, ele pode representar o protetor da água ou deus da guerra, Hachiman. Entretanto, observa-se que nenhum desses significados prevalece, uma vez que sua função é tanto de decorar quanto de servir para demarcar o território ocupado pelo bairro oriental na Liberdade.



Figura 2 – Detalhe de calçada do bairro oriental, 2012. Foto de Michiko Okano.

Elementos introduzidos de uma perspectiva estrangeira como símbolos do Japão no programa da Liberdade, com propósitos turísticos e comerciais do sistema capitalista hegemônico, a *chôchin* e a heráldica *mitsudomoe* são utilizadas pela orientalização como uma máscara ou maquiagem de um bairro oriental. No entanto, apesar de serem distintivos de um Japão produzido artificialmente e, portanto, mais próximo da lógica da orientalização, tais elementos, no diálogo com outros traços da orientalidade, adquirem significados mais próximos da memória cultural dos imigrantes japoneses, como ocorre na Rua Thomaz Gonzaga que será analisada mais adiante.

No Japão, o *torii* é um portal, geralmente colocado na entrada dos santuários, com a função de separar o território profano do sagrado. No caso do bairro da Liberdade, ele foi implementado na extremidade da ponte do Viaduto Osaka,

próximo à Rua Américo de Campos, e não conserva, portanto, seu uso e significado originais, que é de ser uma zona de fronteira e de passagem entre o conhecido e o desconhecido<sup>6</sup>.

O *torii* criou raízes na terra brasileira, multiplicando-se nos últimos anos, principalmente em 2008, ano comemorativo do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, quando foram construídos mais 35. Somente no Estado de São Paulo, pode-se verificar a sua presença em 40 cidades. Contam-se, ainda, 28 *torii* em outros estados brasileiros, como Amazonas, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, Mato Grosso e Brasília. Ao se tornar índice representativo do Japão na Liberdade, a reprodução indiscriminada desse elemento possibilita a sua desvinculação com a tradição e sua utilização como uma espécie de simulacro. Esse fenômeno estende-se por todo o território nacional, tornando o Brasil o país mais numeroso em *torii* (68) fora do Japão. Tal brasilidade do *torii* como símbolo do Japão é atestado pelo fato de que esse portal inexistente em outros bairros orientais, como *Little Tokyo* de San Francisco, Los Angeles ou San Jose.

O Plano de Orientalização, com a implementação dos três equipamentos urbanos, a lanterna *chôchin*, a heráldica *mitsudomoe* e o portal *torii* (Figura 3), contribuiu para a expansão do comércio hegemônico principalmente no trecho compreendido entre a Praça da Liberdade e o Viaduto Osaka. Aliada a esse aspecto, tal propagação do comércio também foi fomentada pela aceitação e difusão da culinária japonesa, quando os países do primeiro mundo, em especial os dos continentes europeu e norte-americano, incorporaram em seus cardápios pratos típicos nipônicos, gerando com isso uma espécie de “modismo internacional” em torno dessa gastronomia. Tal conduta, posteriormen-



Figura 3 – Portal *torii* no início da ponte do Viaduto Osaka, 2012.  
Foto de Michiko Okano.

6. Apesar do uso do *torii* como aplique, esse equipamento urbano ainda consegue resgatar, em alguns momentos, a sua dimensão simbólica, pela revisitação de uma tradição cultural mediada pelo rito. Haja vista, por exemplo, a substituição dos portais em 2004, quando foi realizado um ritual de passagem do espírito do *torii* antigo para o novo, como se faz no país de origem, caso contrário, haveria o risco de atrair a ira dos deuses.

te, foi potencializada pelo aumento da demanda por produtos e outros serviços típicos do Japão.

É nesse cenário que o comércio da orientalização se consolida e, aos poucos, substitui as antigas casas comerciais da orientalidade. Na década de 1990, esse processo contou ainda com a entrada de comerciantes chineses no bairro da Liberdade, que, impulsionados por sua larga tradição comercial, passaram a investir cada vez mais no bairro.

Como forma de ilustrar a diferença entre o comércio da orientalidade e da orientalização, destacamos um exemplo de casa comercial de cada esfera: a mercearia da Casa Ono existente até maio de 2010, e a Casa Marukai. A primeira estava localizada dentro da Casa Ono (Figuras 4, 5, 6 e 7), uma espécie de galeria situada na Rua Galvão Bueno, próxima à Rua Barão de Iguape, que acolhia tam-



Figuras 4 e 5 – Fachada da Casa Ono fotografada em 2004 (esquerda) e em 2012 (direita). Fotos de Fábio Sadao Nakagawa e Michiko Okano.



Figuras 6 e 7 – Visão interna da galeria fotografada em 2004 (esquerda) e em 2012 (direita). Fotos de Fábio Sadao Nakagawa e Michiko Okano.

bém livraria, peixaria, casa de pratos prontos japoneses (*obentôs*), loja de produtos naturais, de artigos de *gateball* e vídeo locadora japoneses. Existente desde o início da década de 1960, era propriedade de um casal de imigrantes japoneses e uma forte representante da orientalidade, pois a mercearia da Casa Ono mantinha os vestígios da comunicação visual e verbal dos tempos de outrora: a disposição dos produtos variados não possuía a linearidade dos comércios modernos e o olhar vigilante do lojista inibia os fregueses de se aproximarem dos produtos, motivo pelo qual se tornava necessário um diálogo.

Para viabilizar tal cruzamento de olhares, balcões baixos separavam o cliente e o vendedor e criava-se uma comunicação face a face. Tal relação comunicativa, imbricada na interação humana criadora de um ambiente familiar, era imprescindível nesse estabelecimento, diferindo daquela conexão sujeito-objeto determinada nos supermercados.

Atualmente a galeria não mantém mais o charme, o dinamismo e a narrativa da história da imigração japonesa de outrora. Os espaços da mercearia e da casa de obentô encontram-se desocupados desde 2010. Hoje, a mercearia localiza-se na mesma Rua Galvão Bueno, quase defronte à galeria, na qual o proprietário de segunda geração, Alexandre T. Iida, adota um novo rumo para o estabelecimento, a especialização em *sake*. O motivo da mudança deveu-se à má localização do imóvel, oculto no fundo da galeria, o que não possibilitava captar a atenção de novos fregueses. Apesar da modernização da loja, ainda podem ser visualizadas algumas características presentes na antiga mercearia. Na galeria, o espaço da tradicional livraria da Casa Ono foi, em parte, ocupado por um comércio de roupas. Além dele, há uma mercearia, uma loja de produtos naturais e um estabelecimento de artigos esportivos. Dos antigos, resta apenas a peixaria que ocupa o fundo da galeria.

Por outro lado, a Casa Marukai (Figura 8), situada entre a Praça da Liberdade e a Rua Américo de Campos, inaugurada em 1999 por um chinês, é um bom exemplo do comércio da orientalização. O estabelecimento de nome japonês é adminis-



Figura 8 – Fachada da Casa Marukai, 2012. Foto de Michiko Okano.

trado por um chinês, o que demonstra a hibridização de nacionalidades na sua constituição. Trata-se de um símbolo da globalização como também da apresentação de um Japão *fake*, daquele tipo de estabelecimento que faz parte dos interesses hegemônicos e mandamentos da produção capitalista e institui um comércio globalizado. Os produtos são dispostos em longas filas de balcões altos numa exposição linear, ordenada, uniformizada sob

uma luz branca, lembrando aquela adotada em supermercados.

Nesse espaço, formado por uma composição dominante da horizontalidade da disposição dos produtos sobre as prateleiras, estabelece-se a relação sujeito-objeto (Figura 9). O consumidor vê-se livre para pegar e apalpar a sua compra, conferindo o frescor do objeto. A taticidade e a exponibilidade mostram-se presentes nessa interação entre o comprador e a mercadoria, protegidos visualmente por uma



Figura 9 – Vista interna da Casa Marukai, 2012.  
Foto de Michiko Okano.

barreira criada pelos próprios produtos, o que constrói um corredor estreito para se estabelecer esse vínculo comunicativo. Nesse caso, há uma imposição da oferta e o cliente esbarra no produto sem precisar solicitá-lo ao comerciante criando uma comunicação corpo a corpo. O espaço é engenhosamente organizado para permitir que o produto assedie o consumidor, isto é, que desperte o desejo de consumo dos transeuntes, ao aguçar a sensibilidade e o imaginário.

## 2. A Rua Thomaz Gonzaga, Fronteira entre Orientalidade e Orientalização

Tal como foi observado, nota-se, na Liberdade, a existência de dois tipos



Figura 10 – Visão geral da Rua Thomaz Gonzaga, 2012.  
Foto de Michiko Okano.

distintos de comércio, um vinculado à orientalidade e o outro relacionado à orientalização. Nesse contexto, a Rua Thomaz Gonzaga (Figura 10), localizada entre a Rua Galvão Bueno e a Avenida Liberdade, distingue-se no cenário comercial do Bairro da Liberdade por ser uma região de grande concentração de restaurantes japoneses, na qual se destaca o traço da orientalidade.

Apesar de a atividade comercial desses estabelecimentos ser dividida em dois turnos, das 11 às 14 horas e das 17 às 23 horas, o fluxo de frequentadores torna-se mais intenso no período da noite, ao contrário do que ocorre na Rua Galvão Bueno, sobretudo no trecho localizado entre o Viaduto Osaka e a Praça da Liberdade, que se destaca por ser uma região de comércio de produtos orientais de funcionamento eminentemente diurno. No entanto, essa característica não é a única que distingue a chamada “rua dos restaurantes” dos demais espaços comerciais presentes no bairro. Da mesma forma como aconteceu com várias outras ruas na Liberdade, a Thomaz Gonzaga também foi incluída no Programa de Orientalização, realizado na década de 1970. Todavia, diferentemente do que ocorreu com outros espaços também contemplados pelo plano, nela, é possível detectar uma visualidade muito singular, da qual resulta um fenômeno comunicativo específico que a destaca no modo pelo qual o Bairro da Liberdade é representado na sua totalidade.

Ainda que os estabelecimentos comerciais localizados na Rua Thomaz Gonzaga se caracterizem por serem exemplos típicos da orientalidade, não há como desconsiderar que ela também foi, de alguma forma, contaminada pelo comércio da orientalização presente na Rua Galvão Bueno. Mesmo que não possua outro tipo de estabelecimento comercial diferente do gastronômico (com exceção daqueles presentes na esquina da Rua Galvão Bueno), ao longo do dia, boa parte do fluxo de pedestres que circula pelo espaço hegemônico do comércio também transita pela Thomaz, em virtude da própria proximidade existente entre ambas as ruas. Além do mais, como a “rua dos restaurantes” também foi contemplada pelo programa de orientalização, ela funciona como uma espécie de “continuidade” de quem sai da Praça da Liberdade e adentra a Galvão Bueno, tal como acontece com outras ruas que também são perpendiculares à Galvão. Todavia, há algo na Thomaz que resiste à orientalização do comércio e isso se deve a vários fatores.

O primeiro aspecto que chama a atenção é o calçamento da via de pedestres, porque, dentre os equipamentos utilizados pelo plano de orientalização, a calçada decorada com a heráldica *mitsudomoe* foi a que mais sofreu modificações em relação ao plano inicial. Vários pontos comerciais já substituíram integralmente o pavimento por outro, ao passo que, em outros trechos, os ladrilhos originais foram parcialmente retirados, o que faz com que algumas vias se assemelhem a um grande mosaico. Por sua vez, um dos únicos trechos que ainda mantém o calçamento tal como previa o projeto é justamente a Rua Thomaz Gonzaga: em vez de um mosaico, o que se observa é um grande “tapete” que se estende ao longo de ambos os lados.

Além disso, mais que simplesmente delimitar o horário de funcionamento dos restaurantes, os períodos vespertino e noturno tornam patente a existência de duas visualidades distintas, pois o que se observa durante o dia não é o mesmo que se vê à noite, fato que acontece em razão de um elemento fundamental: a iluminação. Nota-se que boa parte das fachadas dos restaurantes ali situados foi idealizada levando-se em conta o efeito produzido pela iluminação dos seus letreiros, aspecto

este que apenas pode ser observado no período noturno. Esse traço reveste-se de uma relevância ainda maior se considerarmos que várias dessas fachadas apenas podem ser vistas durante o período em que os estabelecimentos estão abertos ao público, pois, nos horários intermediários, uma grande porta cobre toda a frente deles. Tal costume é um indicativo de que, fora dos horários predeterminados, tais fachadas nem sequer devem ser vistas, já que não foram projetadas para serem observadas fora de determinados períodos.

Ainda que a diferença entre a visualidade diurna e noturna seja um traço que distingue toda a extensão contemplada pelos equipamentos do Programa de Orientalização, na Rua Thomaz Gonzaga esse aspecto apresenta uma especificidade ainda maior. As fachadas dos estabelecimentos ali presentes possuem praticamente a mesma altura, a qual, por sua vez, não ultrapassa a dimensão vertical dos postes onde as *chôchin* foram colocadas. É uma disposição que faz com que as lanternas em estilo nipônico construam uma espécie de moldura para os restaurantes, ao mesmo tempo em que possibilita a interação entre os pontos luminosos presentes no topo das hastes vermelhas e os letreiros luminosos das casas comerciais. Desse diálogo resulta um clima “intimista”, propício para o aconchego que, em parte, retoma o significado primeiramente vinculado ao efeito produzido por tais lanternas que, como foi discutido anteriormente, se relaciona ao “oculto e ao sugestivo”. Durante o dia, como não há a presença da luz artificial, esse diálogo entre a frente dos restaurantes e as *chôchin* desaparece.

Tal atmosfera aconchegante ganha uma dimensão ainda maior se considerarmos a diferença existente entre os tipos de vínculo comunicativo que as casas comerciais presentes na Thomaz Gonzaga e na Galvão Bueno estabelecem com os transeuntes. Na Galvão, nota-se a presença de um comércio que se articula de “fora para dentro”, uma vez que o grande contingente de pessoas que por ali circula determina, de certo modo, a existência de lojas que buscam “fisgar” o freguês ainda na calçada, o que faz com que muitas delas exponham alguns de seus produtos próximos da entrada, como se gôndolas se expandissem para a rua e se projetassem sobre os pedestres. Também há lojas cujas vitrines amplas, aliadas à grande extensão da entrada, funcionam como uma espécie de “extensão” da própria rua, de maneira que o indivíduo é impelido quase que “naturalmente” a entrar na loja.

Por outro lado, os restaurantes situados na Thomaz possuem uma visualidade distinta, visto que estes se articulam de “dentro para fora”. Aliado à “atmosfera” construída pelo diálogo existente entre os letreiros luminosos e às *chôchins*, o espaço intimista que caracteriza a rua se deve, em parte, ao clima acolhedor presente no interior dos restaurantes. Em todos eles, próximas ao salão principal, estão as chamadas salas *ozashiki*, onde os clientes se sentam em tatames e, no centro, há uma mesa baixa para o serviço das refeições. Em alguns restaurantes, o acesso às salas *ozashiki* ocorre por meio de um corredor, situado ao fundo do salão principal, similar a uma residência tradicional, onde os dormitórios estão localizados numa

área mais reservada, distante do espaço de convivência coletiva. Além disso, junto ao salão principal, há um extenso balcão no qual permanece o responsável pela preparação dos sushis e sashimis, que são servidos tanto nas mesas como no próprio móvel rodeado por banquetas.

O arranjo interno dos restaurantes indica um processo comunicativo muito peculiar, marcado pela privatização, em que um espaço abarca outro espaço, na tentativa de criar um ambiente cada vez mais íntimo. Tal processo ocorre não apenas em relação ao espaço delimitado pelo *ozashiki*, mas também pela relação comunicativa face a face que se estabelece entre os frequentadores do balcão de sushi, de um lado, e o *suhimen* situado na parte interna oposta. Até hoje, no Japão, o balcão de sushi é um espaço ainda muito utilizado para servir essa iguaria e é frequentado predominantemente pelo público masculino. A relação proporcionada pelo face a face remonta a uma forma comunicativa marcada pelo código verbal-oral e pela corporeidade dos sujeitos envolvidos no ato comunicativo, que origina uma relação de proximidade entre o eu e o outro. Essa relação comunicativa, na qual um balcão se interpõe e impõe o diálogo entre dois ou mais sujeitos, pôde ser também encontrada em outros estabelecimentos comerciais presentes no bairro, como na Casa Ono, conforme foi visto anteriormente, onde ainda era possível vislumbrar traços da orientalidade vinculada à história dos imigrantes japoneses na Liberdade.

Em parte, pode-se dizer que o próprio tipo de comércio presente na Thomaz Gonzaga contribui, de alguma forma, para manter a memória da orientalidade vinculada à imigração japonesa, ainda que haja restaurantes construídos recentemente que dialogam com o Japão contemporâneo. Isso acontece porque, desde a sua formação, o espaço comercial do Bairro da Liberdade sempre se distinguiu pela presença de estabelecimentos que se dedicam ao negócio de servir refeições. O princípio desse seguimento comercial na região remonta à primeira leva de imigrantes japoneses que chegou ao Brasil, em 1908. Em virtude de um acordo previamente estabelecido entre os governos brasileiro e japonês, a imensa maioria desse grupo foi encaminhada para o interior do Estado de São Paulo, onde trabalharia nas lavouras de café. Na época, apenas 12 pessoas tiveram permissão para permanecer na capital. No entanto, as precárias condições de trabalho nas propriedades agrícolas fizeram com que muitos japoneses fugissem para a capital, na busca de melhores condições de sobrevivência. Esses imigrantes vindos do campo concentraram-se principalmente na Rua Conde de Sarzedas, onde ficavam alojados em modestas hospedarias que também tinham refeitórios, nos quais eram servidos pratos japoneses ou similares, pois, na época, eram escassos os ingredientes característicos da culinária oriental.

Concomitantemente ao negócio de refeições, surgiram pequenas fábricas domésticas, especializadas na elaboração de produtos alimentícios típicos do Japão, como *tôfu*, *manjû*, *udon* e *shôyu*. São justamente essas fabriquetas que distinguem o comércio pré-guerra que se formou no Bairro da Liberdade, tal como foi ressaltado anteriormente.

Assim, pode-se dizer que a própria história do bairro contribui para que a Thomaz Gonzaga mantenha, ainda hoje, traços comunicativos que remetem à orientalidade, sobretudo se considerarmos que o preparo de alimentos se configurou num dos principais códigos culturais da colônia japonesa residente na capital. Isso pode ser constatado pelas confraternizações realizadas na época pelos residentes na Rua Conde de Sarzedas, em que a elaboração de pratos típicos como o *missoshiru*, caldo de pasta de soja, era um dos mais importantes atrativos. O alimento, visto dessa perspectiva, possui uma acepção que vai muito além da mera nutrição corporal, pois é um elemento de agregação sobre o qual incidem certos rituais que contribuem para conservar os traços culturais de uma coletividade. É justamente tal aspecto que os restaurantes presentes na Thomaz Gonzaga buscam preservar, o que faz que a chamada “rua dos restaurantes” se constitua como uma espécie de fronteira entre a orientalidade e a orientalização, pois os traços de uma e outra podem ser ali vislumbrados, ainda que a orientalidade seja dominante.

### 3. O Bairro Oriental e o Caminho do Imperador

Como forma de homenagear o Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, em abril de 2008, a prefeitura de São Paulo assinou um contrato de cooperação com o Instituto Paulo Kobayashi para revitalizar o bairro oriental. Desse acordo, resultou o projeto denominado *Caminho do Imperador*, de autoria do arquiteto Márcio Lupion, que pretende reformar os passeios públicos, as fachadas, os viadutos e áreas verdes das ruas Galvão Bueno, Thomaz Gonzaga, Américo de Campos e Estudantes, além da Praça da Liberdade, Praça Almeida Júnior e Largo da Pólvora.

Dividida em dez etapas, distribuídas num período de quatro a cinco anos, a concretização do *Caminho do Imperador*, até o ano de 2012, somente atingiu a primeira fase, graças aos recursos fornecidos sobretudo pelo Banco Bradesco. Realizaram-se algumas modificações na Praça da Liberdade, percebidas basicamente pelas inserções de adornos orientais chineses nas fachadas e tetos das casas comerciais (Figuras 11 e 12), pela alteração do piso com desenhos circulares (Figura 13) que representam a origem das ilhas do Japão



Figura 11 – Fachada da Casa Towa, localizada na Praça da Liberdade, 2004. Foto de Fábio Sadao Nakagawa.

pelas gotas de água salgada que caíram da lança do casal de deuses Izanagi e Izanami (KALLIPOLIS, 2009), e pela alteração da fachada do banco Bradesco, que simula o Castelo de Osaka, localizado no Japão (Figuras 14 e 15). Além disso, houve a reforma do prédio situado na confluência da Avenida Liberdade com a Rua Dr. Rodrigo Silva, atual edifício da Loja Ikesaki, cuja fachada tradicional foi vazada para abrigar várias placas de vidro e a transformou em uma imensa torre transparente onde se expõem gigantescos painéis (Figura 16). Em especial, neste último caso, nota-se a presença de elementos relacionados ao chamado “Japão moderno”, ou então, ao Japão tecnologicamente idealizado pelo Ocidente.



Figura 12 – Fachada atual da Casa Towa, localizada na Praça da Liberdade, 2012. Foto de Michiko Okano.



Figura 13 – Piso com desenhos circulares na Praça da Liberdade, 2012. Foto de Michiko Okano.



Figuras 14 e 15 – Fachada do Banco Bradesco, fotografada em 2004 (acima) e em 2012 (ao lado).  
Fotos de Fábio Nakagawa e Michiko Okano.



Figura 16 – Fachada da Loja Ikesaki, 2012. Foto de  
Michiko Okano.

Começar este estudo pela Praça da Liberdade não foi uma decisão aleatória, pois efetivamente a praça funciona como uma espécie de “coração” do processo de orientalização do bairro, de “porta de entrada” para o mundo oriental. Desse modo, a praça abarca diferentes funções – como espaço de convivência, de comércio, de manifestações culturais, de embarque e desembarque de passageiros do metrô – e, com isso, ela é responsável por alimentar continuamente o fluxo. As alterações promovidas na praça indiciam a natureza dominante do projeto: a repaginação do bairro com a finalidade de atrair mais turistas para a região e aumentar o seu valor econômico no mercado imobiliário. De acordo com o site da revista *Veja São Paulo*,

o resultado parece ter sido alcançado, uma vez que “15000 pessoas passaram a percorrer a região nos fins de semana – número 50% maior que o registrado em 2007” (SALLES, 2010).

Como ocorre com a maioria dos projetos urbanísticos, o *Caminho do Imperador*, uma espécie de extensão do Plano de Orientalização da Liberdade de 1974, também representa mais uma tentativa de ordenar a cidade de fora para dentro, por meio de soluções forjadas que têm como motivo e indulgência uma suposta falta de organização ou vida dos lugares da cidade. Buscando resolver problemas de ordem funcional e estrutural, o ato de planejar ratifica o pensamento moderno de ser ainda possível racionalizar a programação das cidades por “entidades competentes”, moldando-as por diferentes formulações e intervenções urbanísticas, para com isso atingir a promessa da edificação de uma cidade imaginada, sempre enunciada como uma espécie de ápice do desenvolvimento do espaço social, capaz de combater o caos pela adequação primorosa estabelecida entre forma e função.

Tal idealização não se atém apenas às pranchetas dos planejadores, mas conquista terreno nos meios de comunicação de massa, que promovem e divulgam as propostas milagrosas dos urbanistas. Dessa maneira, a moderna ideia de cidade espetaculariza-se em réplicas de cenários perfeitos de convivência e de promoção social, por meio de intervenções em seus lugares que são “iluminados” midiaticamente para compor e destacar a “melhor amostra” do que deve ser uma cidade e, também, pela valorização positiva dos grandes centros urbanos, exaustivamente divulgados como o reino onde ocorrem as oportunidades e as vantagens para a ascensão econômico-social.

Dentre todas as modificações propostas pelo projeto *Caminho do Imperador*, talvez a mais agressiva seja a instalação de uma escultura do Buddha (Figura 17), feita de pedra e com seis metros de altura, na Praça Almeida Júnior, localizada na Rua Américo de Campos. Com claras intenções de funcionar como mais um



Figura 17 – Ilustração gráfica da Praça Almeida Júnior, 2009.  
Imagem de Kallipolis.

cartão postal do Bairro da Liberdade, como ocorre, por exemplo, com o *torii*, a nova Praça do Buddha, caso seja concretizada, também possibilitará a expansão do raio de ação do processo de orientalização do bairro que, atualmente, se mantém, principalmente, no trecho da Rua Galvão Bueno, compreendido entre a Praça da Liberdade e a Rua Thomaz Gonzaga.

No embate entre o “pretenso” global e o local, a memória dos imigrantes orientais e de seus descendentes tende a ser mascarada pela edificação do Oriente *fake*, pela intervenção cada vez mais impositiva da lógica do espaço comercial da orientalização nos diversos lugares que compõem o bairro oriental.

#### 4. Considerações Finais

Tal como foi observado ao longo deste texto, há tendências distintas operando no conhecido bairro oriental. Ao mesmo tempo em que, de um lado, tradição e comércio foram sendo compostos conjuntamente, do outro, a única face importante a ser criada é aquela determinada pelo mercado. De certa maneira, esse é um fenômeno que não ocorre apenas no Bairro da Liberdade, mas também atinge outras regiões que possuem, na sua composição, a história de imigrantes provenientes de outros países. Tal processo indica como os mercados globais tendem a eleger determinados traços distintivos de uma cultura e, com isso, passam a replicá-los indistintamente, sem considerar, de fato, a memória daqueles que construíram a história do lugar. Isso pode ser observado na Liberdade quando identificamos os traços da orientalidade dos imigrantes que ali se estabeleceram, em contraponto ao oriente *fake* edificado pela lógica do capital.

De certa maneira, esse processo elucida uma luta um tanto quanto “perversa” entre a especulação imobiliária e mercantil e a comunidade, visto que a primeira tende a desconsiderar o oriente construído pelos imigrantes e, portanto, a memória cultural do lugar, para “substituí-lo” pela “falsa” lembrança do Oriente *made in Japan*, tipo exportação, que, por sua vez, não necessariamente reporta ao universo cultural do país do Sol nascente. Assim, “parasita-se” a memória edificada historicamente pelos imigrantes para, posteriormente, acachapá-la em determinados moldes que tendem a gerar estereótipos culturais da vaga lembrança de um oriente reconhecido midiaticamente.

No entanto, a cidade ainda é capaz de nos surpreender pela sua própria lógica de articulação, da qual resulta a produção de significados muito singulares e únicos que não são previstos nem tampouco podem ser instituídos. Isso decorre da irregularidade do movimento tradutório operacionalizado entre os sujeitos e o espaço. É esse diálogo ininterrupto, nem sempre constante e harmônico, que confere o devir dos lugares, permitindo a cada um ter suas próprias especificidades.

Nesse aspecto, o geógrafo Milton Santos é muito elucidativo ao situar a natureza eminentemente sistêmica e dinâmica dos lugares, pelos quais ocorre a construção das espacialidades que compõem uma cidade. Todo lugar sempre é fruto

da junção de diferentes variáveis que possuem seu próprio tempo e/ou memória, visto que cada uma possui uma história e uma trajetória singular que, de alguma forma, lhe confere um traço distintivo. Todavia, quando constituem um sistema, as diferentes variáveis “trabalham em conjunto”, pois passam a funcionar sincronicamente em virtude da “ordem funcional que as mantém” (SANTOS, 2002, p. 258) reunidas durante um determinado momento.

Dessa dinâmica emergem os chamados lugares indiciais (FERRARA, 2002, p.26-28), que são os espaços banais construídos no dia a dia de uma cidade, cujas configurações indicam, necessariamente, os processos que lhe dão origem, de modo que “a união se processa como simples e natural reação ante as dificuldades sempre novas e originais do cotidiano que atingem o coletivo e, assim, são enfrentadas” (FERRARA, 2002, p.28). Por conta disso, tais espaços movem-se em função tanto das “respostas” produzidas ante os obstáculos impostos pelo cotidiano, quanto da resistência que oferecem a qualquer ação que lhes seja externa ou muito distante do seu devir.

## Referências Bibliográficas

- BURAJIRU, Shirarezaru Torii Taikoku. Brasil, o desconhecido grande país dos toriis. *Jornal Nikkey*, São Paulo, 27 jun. de 2009, nº 2808, B2.
- FERRARA, Lucrécia D’Alessio. **Design em Espaços**. São Paulo: Rosari, 2002.
- KALLIPOLIS, Arquitetura. Projeto Liberdade: Caminho do Imperador. PPT disponível em CD-ROM, 2009.
- NAKAGAWA, Fábio Sadao. Orientalidade e Orientalização: os espaços comerciais no bairro da Liberdade. In: CARAMELLA et al. (Org.). **Mídias, Multiplicação e Convergências**. São Paulo: Senac, 2009, p. 241-262.
- NAKAGAWA, Regiane Miranda de Oliveira. O Espaço Comercial Noturno no Bairro da Liberdade: a Rua Thomaz Gonzaga. In: CARAMELLA et al. (Org.). **Mídias, Multiplicação e Convergências**. São Paulo: Senac, 2009, p. 283-302.
- OKANO, Michiko. A Leitura Semiótico-Visual: da visualidade à visibilidade. Orientalização e Orientalidade. In: CARAMELLA et al. (Org.). **Mídias, Multiplicação e Convergências**. São Paulo: Senac, 2009, p. 263-282.
- SALLES, Daniel. “Liberdade: projeto de revitalização do bairro não saiu do papel”. *Veja São Paulo*, São Paulo, 02 jun. 2010. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/revista/edicao-2167/bairro-liberdade-revitalizacao>>. Acessado em: 05 fev. 2012.
- SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Edusp, 2002.
- TANIZAKI, Jun’ichiro. **In Praise of Shadows**. Tradução de Thomas J. Harper e Edward Seidensticker. Connecticut: Leete’s Island Book, 1977.